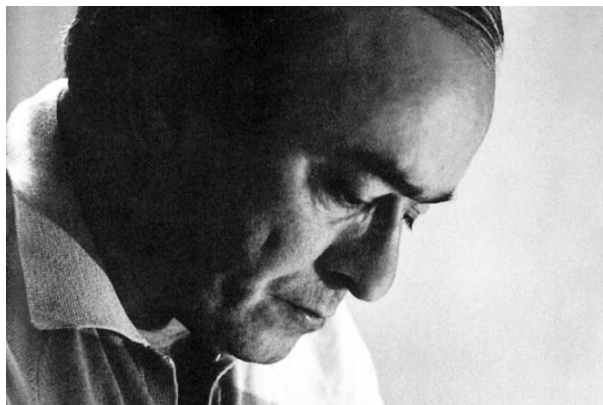


Boca no trombone

Vinicius, simplesmente



Continuando com o Ciclo Cultural “Vivendo Vinicius. Poetinha Poetão”, o passado 26 de setembro CasaDoBrasil exibiu o filme ‘**Vinicius**’ (2005) com participações de: Antônio Cândido, Caetano Veloso, Carlos Lyra, Ferreira Gullar, Francis Hime, Gilberto Gil, Miúcha, Maria Bethânia, Tônia Carrero e Toquinho, entre outros.

“No começo escrevi um roteiro de ficção, mas quando ficou pronto eu desisti. Cheguei a conclusão que Vinicius (ver JornalDaCasa #18) era uma figura muito recente e presente e eu não saberia fazer com ator. Assim que resolvi fazer um documentário -revelou seu diretor e produtor, **Miguel Faria Jr.**-, embora não queria que fosse do tipo didático. Eu queria trabalhar com a essência do Vinicius, que era a emoção.” Uma das maiores dificuldades que teve Faria Jr. era como ia mostrar a vida e obra de Vinicius dentro do filme: “A solução que encontrei foi montar um pequeno show, conduzido pela Camila Morgado e Ricardo Blat, que reproduzisse o clima dos shows de Vinicius nos ‘60 e, através dele, ir contando sua vida. Chamei ao **Luiz Cláudio Ramos** para fazer a trilha sonora e direção musical, e lhe pedi que os intérpretes fossem de uma geração mais nova, e de várias ‘praias”.

“Eu nasci em Ipanema, na rua Montenegro - hoje Vinicius- então eu ia para o colégio e via

o Vinicius tomando cerveja no (bar) Veloso. Depois, eu casei com a Susana, sua filha, assim que Vinicius era sogro”, lembra Faria Jr. “Mas eu passei algum tempo meio arredio à sua obra. Eram anos de política muito efervescentes e eu achava aquele discurso do **amor** de Vinicius meio careta. Agora relendo ele, mais maduro, me apaixonei por sua obra”.

“Miguel é amigo de muitas pessoas que foram importantes na vida de Vinicius, como Chico Buarque ou Edu Lobo, que conseguiram falar de Vinicius de uma forma solta, alegre. Se fala muita maluquice e isso eu acho maravilhoso, porque o filme tem a cara de Vinicius”, disse **Susana de Moraes**. “Pra mim, no filme a imagem é secundária, a primazia é da palavra do Vinicius ou sobre Vinicius. Então minha busca foi até de uma certa invisibilidade da fotografia”, confessou **Lauro Escorel**, diretor de fotografia do filme, pra quem “a dificuldade maior foi articular os diferentes materiais, como entrevistas, coisas encenadas, materiais de arquivo de procedências muito diversas, e que não acabasse uma colcha de retalhos”.

Depois de dois anos de pesquisa, “eu não descobri de Vinicius nada que eu não soubesse, mas eu consegui ver seu discurso com uma profundidade maior. Sua vida é um testemunho do que aconteceu de 1913 pra cá: a história da cidade, da moral e, mais do que tudo, o discurso de Vinicius que é o discurso do amor, da fraternidade, de **valores** que não estão na moda, mas que são valores que a gente continua acreditando até hoje. Também o fato de eu fazer cinema, devo a ele. Eu sou de uma família de classe média, meu pai me mandou estudar economia, e quem me convenceu de fazer o que realmente eu queria foi Vinicius. Por isso eu fiz o filme pra ele, para pagar uma dívida de gratidão com ele”, admitiu Faria Jr.



Ao pé da letra

Garota de Ipanema



“**S**eu nome é Heloísa Eneida Menezes Pais Pinto, mas todos a chamam de Helô. Há três anos ela passava ali no cruzamento da Montenegro e Prudente de Moraes, e nós achávamos demais. De nosso ponto de observação, no Veloso, enxugando a nossa cervejinha. Tom e eu emudecíamos à sua vinda maravilhosa”. É **Vinicius de Moraes** quem relata para a revista *Manchete*, em 1965, como a musa inspiradora, **Helô Pinheiro**, deu origem à apoteose poética e musical do voyeurismo de boteco carioca, “Garota de Ipanema”.

A inspiração pela musa se deu mesmo na mesinha do Veloso, mas os parceiros não escreveram a canção ali, entre copos de cerveja. Inicialmente, em Petrópolis, Vinicius aprontou-lhe a letra, até com certa dificuldade, tendo composto duas versões, para aproveitar a segunda (a primeira chamava-se “A Menina que Passa”). Em seguida, foi a vez de **Tom Jobim** (ver *JornalDaCasa* #12) musicar o poema, tarefa também trabalhosa, que ele realizou em sua então nova moradia na rua Barão da Torre. Ao final, o compositor deu a “Garota de Ipanema” uma de suas mais originais melodias, igualmente alegre e triste, bem de acordo com a letra que exalta a beleza

radiante da moça que passa, ao mesmo tempo em que lamenta a solidão do poeta, condenado a admirá-la à distância

Inicialmente pensada para integrar “Blimp”, uma comédia da dupla que nunca saiu do papel, “Garota de Ipanema” ganhou pela primeira vez os ouvidos do público no show “Encontro”, em 2 de agosto de **1962**. Foi um espetáculo antológico que reuniu pela **única vez** num palco a “santíssima trindade” da bossa nova. Vinicius, Tom e João Gilberto ficaram 45 dias em cartaz na boate Au Bon Gourmet, em Copacabana, e lançaram ainda dois outros clássicos na noite da estreia da música: “Samba do Avião” e “Só Danço Samba”. Tocadas pelo conjunto Os Cariocas, *habitué* das canções do trio, as músicas foram gravadas em disco em 1963. Mas, no caso de “Garota de Ipanema”, o lançamento no mercado fonográfico aconteceu pouco tempo antes, na voz de Pery Ribeiro, que inclui a canção no álbum “Pery É Todo Bossa”.

Em abril, Tom Jobim a apresentava aos americanos no elepê “The composer of Desafinado plays”. Ao final do ano, a Verve lançou o *single* de Astrud Gilberto e Stan Getz, disco que vendeu milhões e estabeleceu o prestígio internacional de “The Girl from Ipanema”, título da versão do letrista Norman Gimbel. Amadora até então, Astrud encantou os americanos pela simplicidade e a ausência da afetação das cantoras de experiência formal. Esse *single* e o álbum “Getz/Gilberto”, que contém a gravação integral com a participação de **João Gilberto** cantando em português, receberam quatro prêmios Grammy: melhor *single*, melhor álbum, melhor performance de jazz instrumental e melhor gravação.

“Esse é um sentimento universal”, disse Tom Jobim. “O cara pára de tomar um chope e olha para a garota, não é? É claro que quando a gente fez não pensou em nada disso. A gente só via a garota passar. O



Vinicius era casado, eu era casado, e a garota que passava por ali era muito jovem”. Naturalmente, Helô sabia-se admirada pelos frequentadores do bar, pois nas vezes em que lá entrava era saudada pelos assovios de praxe. Mas só descobriu sua qualidade de musa da canção quando o segredo foi revelado pelos autores em 1965. “E lá ia ela toda linda, a garota de Ipanema, desenvolvendo no percurso a geometria espacial de seu balanceio quase samba”, descreveu Vinicius. Quando inspirou a canção, a moça tinha **15 anos** e era tímida quanto convinha a uma musa inalcançável.

“Nem cantávamos para ela quando passava, primeiro porque não podia tocar violão no botequim”, lembrou Tom em uma entrevista. “O português proibiu logo porque violão dá briga. Nossa atitude era bem discreta. Inclusive a garota era filha de um general do Serviço Nacional de Informação (do regime militar). Mas nós não sabíamos disso. Nós estávamos ali por causa do chope, não é?”.

Em mais de 50 anos, “Garota de Ipanema” já mereceu **centenas** de regravações, com intérpretes das mais variadas tendências, não apenas na área nacional –Astrud Gilberto, Baden Powell, Cauby Peixoto, Dick Farney, Elis Regina, Eumir Deodato, Hermeto Pascoal, João Gilberto, Leny Andrade, Leila Pinheiro, Lúcio Alves, Nara Leão (ver JornalDaCasa #2), Os Cariocas, Tim Maia-, mas principalmente na internacional em que, além dos habituais intérpretes da obra jobiniana – Charlie Byrd, Ella Fitzgerald, Frank Sinatra, Sara Vaughan, Stan Getz- ressaltam figuras como Al Jarreau, Anita O’Day, Earl Hines, Erroll Garner, Herbie Mann, Louis Armstrong, Nancy Wilson, Nat King Cole, Oscar Peterson, Peggy Lee, Stephane Grappelli, Vic Damone e muitos outros.

Detentora, com folga, do título de canção brasileira **mais conhecida** no exterior, “Garota de Ipanema” já foi citada como a mais tocada do planeta em todos os tempos, embora não seja possível dizer com certeza.

Número à parte, a importância das conquistas da “menina que vem e que

passa” e a longevidade da sua sedução mundo afora são inegáveis. “Para ela fizemos”, disse Vinicius, “com todo respeito e mudo encantamento, o samba que a colocou nas manchetes do mundo inteiro e fez da nossa querida **Ipanema** uma palavra mágica para os ouvintes estrangeiros.”

Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça

É ela menina que vem e que passa
Num doce balanço, caminho do mar

Moça do corpo dourado, do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É a coisa mais linda que eu já vi passar

Ah, por que estou tão sozinho?

Ah, por que tudo é tão triste?

Ah, a beleza que existe

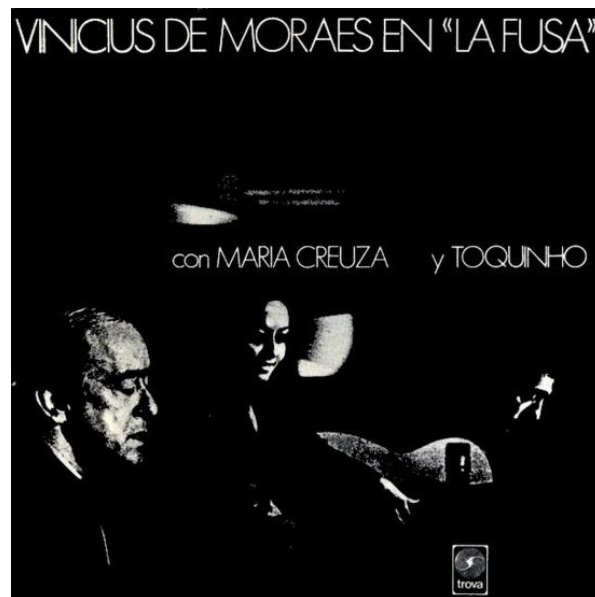
A beleza que não é só minha

Que também passa sozinha

Ah, se ela soubesse que quando ela passa

O mundo inteirinho se enche de graça

E fica mais lindo por causa do amor



Discos onde ouvir

- Os Cariocas – A Bossa dos Cariocas (1962)
- VA – Garôta de Ipanema – Trilha do filme (1967)
- Toquinho, Vinicius de Moraes e Maria Creuza – En La Fusa (1970)
- Nara Leão – Garota de Ipanema (1986)
- Gal Costa – Canta Tom Jobim ao Vivo (2000)
- Tom Jobim – Canta Vinicius ao Vivo (2000)

Boca no trombone

8 de outubro: Dia do Nordeste



Como São Paulo abriga o maior número de nordestinos de todo o Brasil, fora o próprio Nordeste, o vereador paulista Francisco Chagas (PT), teve a iniciativa de homenagear à comunidade nordestina comemorando, no dia 8 de outubro, o Dia do Nordeste. A Lei 14.952/2009 fixa a data em homenagem ao centenário do nascimento de **Antônio Gonçalves da Silva**, mais conhecido como Patativa do Assaré, um poeta popular e compositor e também, à **Catullo da Paixão Cearense**, autor da música “Luar do Sertão” (ver *JornalDaCasa* #22), ambos cearenses e nascidos no dia oito de outubro.

A região Nordeste foi o berço da colonização portuguesa no país, de 1500 até 1532, devido ao descobrimento por Pedro Álvares Cabral com o objetivo de colonização exploratória, que neste caso consistia em extrair **pau-brasil**, cuja tinta da madeira era utilizada para tingir as roupas da nobreza europeia. Com a criação das capitanias hereditárias, deu-se o início da construção da primeira capital do Brasil, Salvador, em 1549. Desde o início, foi criado o governo-geral no país com a posse de Tomé de Sousa. O

Nordeste foi também o centro financeiro do Brasil até meados do século XVIII, uma vez que a Capitania de Pernambuco foi o principal centro produtivo da colônia e Recife a cidade de maior importância econômica.

O Nordeste é a região brasileira que possui o maior número de **estados** (9): Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco (incluindo o Distrito Estadual de Fernando de Noronha e o Arquipélago de São Pedro e São Paulo), Piauí, Rio Grande do Norte (incluindo a Reserva Biológica Marinha do Atol das Rocas) e Sergipe. A área do Nordeste brasileiro é de aproximadamente 1.558.196 km², equivalente a 18% do território nacional e é a região que possui a **maior costa litorânea**. A região possui os estados com a maior e a menor costa litorânea, respectivamente Bahia, com 932 km de litoral e Piauí, com 60 km de litoral. A região toda possui 3338 km de praias.

Todos os anos, milhões de turistas vindos de outros estados e países escolhem o Nordeste como destino de férias. Isso porque, além das inúmeras belezas naturais, o nordestino conserva costumes, tradições e **história** por meio do artesanato, das artes plásticas, da arquitetura, da música e da preservação dos seus monumentos históricos.

A cultura da região é também um atrativo para o turista. Todos os estados tem folguedos e tradições diferentes. **Olinda**, em Pernambuco, com vestígios do Brasil Neerlandês; **São Luís**, no Maranhão, com os da França Equinocial; **São Cristóvão**, em Sergipe, e sua Praça de São Francisco, rodeada de imponentes edifícios históricos; **Salvador**, na Bahia, com os da sede político-administrativa do Brasil Colonial; e **Porto Seguro** e **Santa Cruz de Cabrália**, também na Bahia, com as marcas históricas da chegada das esquadras do descobrimento do Brasil; são alguns dos principais atrativos histórico-culturais da região, sendo os quatro primeiros considerados patrimônios culturais da humanidade pela UNESCO.



Tem fome de que

Virado à paulista

Muito provavelmente você já deve ter ouvido falar da noite paulistana e dos bons lugares para se comer em São Paulo. Mas, afinal além da boa pizza que é altamente elogiada por todo o Brasil, qual o prato típico desta megalópole tão movimentada todos os dias e noites? O virado à paulista é uma boa pedida e um dos pratos mais tradicionais da região.

Baseado em ovos e linguiça, ele se assemelha ao tutu à mineira, mas tem o típico sabor dos paulistas. Agora saiba que o repertório é variado e vai além disso. Fica aqui um convite para provar essas iguarias e até quem sabe descobrir novos sabores.



Ingredientes:

- 4 ovos
- 4 gomos de linguiça

Para as costeletas de porco:

- 4 costeletas
- sal e pimenta-do-reino
- suco de 1 limão
- 2 dentes de alho amassados
- óleo

Para o tutu de feijão:

- 250 g de tocinho
- 1 cebola grande ralada ou picada fino

- 2 dentes de alho amassados
- 1 folha de louro
- 3 xícaras de chá de feijão cozido, com o caldo
- sal
- molho de pimenta
- 1 xícara de chá de farinha de mandioca

Para a couve refogada:

- 1 maço de couve
- 1 colher de sopa de azeite de oliva
- 1 dente de alho
- sal

Modo de preparo: Tempere as costeletas com sal, pimenta-do-reino, o suco de limão e o alho e deixe descansar nesse tempero por 2 horas. Para fazer o tutu, pique o toucinho em pedaços pequenos e frite em sua própria gordura até que dourem e fiquem crocantes. Retirem os torresminhos e coloque-os para escorrer sobre papel absorvente.

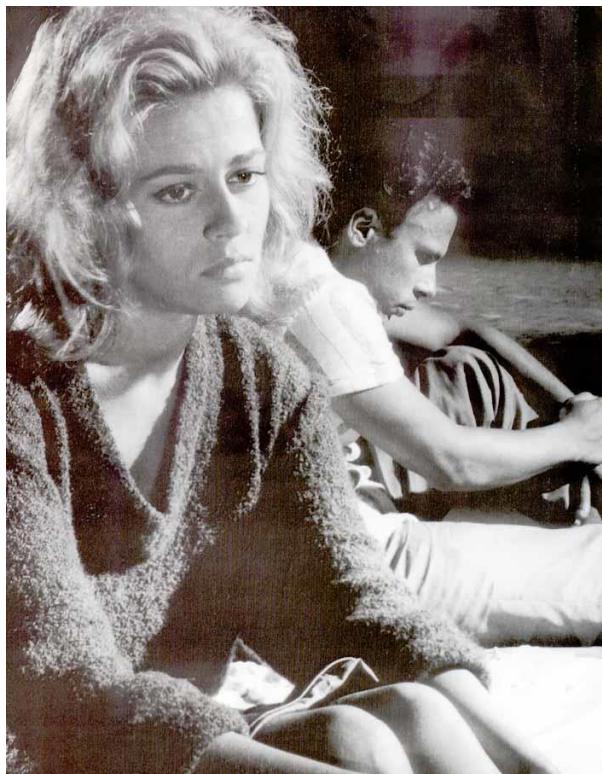
Na gordura que restou na panela, refogue a cebola, o alho e o louro. Adicione o feijão, juntamente com o caldo, e mexa com uma colher de pau. Tempere com sal e gotas de molho de pimenta a gosto, acrescente a farinha de mandioca e continue mexendo para obter um tutu bem úmido. Apague o fogo e reserve em local aquecido.

Numa frigideira de fundo largo, vá fritando as costeletas em óleo bem quente até que estejam douradas e crocantes por igual. Lave bem a couve e, usando uma faca afiada, elimine os talos e pique as folhas bem fino. Em seguida, escale-a e escorra. Numa panela à parte, aqueça o azeite e frite o alho esmagado, junte a couve e tempere com uma pitada de sal. Tampe a panela e cozinhe por alguns minutos, até que a verdura esteja macia.

Finalmente, frite os ovos e a linguiça. Para servir, arrume as costeletas no centro da travessa, disponha o tutu de feijão de um lado, espalhe os torresmos por cima e coloque couve do outro. Ponha um ovo frito sobre cada costeleta e acrescente os gomos de linguiça. Sirva imediatamente.

Telinhas e telonas

Norma Bengell: artista, ativista e musa



Atriz, vedete, cineasta, cantora e compositora, Norma Aparecida Almeida Pinto Guimarães D'Áurea Bengell (Rio de Janeiro, 1935-2013) começou a carreira como **vedete** do teatro de revista aos 16 anos e acabou sendo uma das maiores musas do cinema e do teatro brasileiros nas décadas dos 50, 60 e 70.

O primeiro LP, "OOOOH! Norma", viria em 1959, no mesmo ano de sua estreia no cinema, com uma comédia de chanchada, *O Homem do Sputnik*, de Carlos Manga e estrelado por Oscarito, onde fez sucesso parodiando a famosa atriz francesa Brigitte Bardot.

Em 1962 Norma fez história exibindo o primeiro **nu frontal** do cinema brasileiro, aos 27 anos, no filme *Os Cafajestes* (foto), de Ruy Guerra. Com isso, foi alvo de críticas violentas dos setores mais conservadores da sociedade. Também interpretou a prostituta Marli no filme *O Pagador de Promessas*, de Anselmo Duarte (1962), até hoje o primeiro e

único longa-metragem brasileiro que recebeu a palma de ouro do Festival de Cannes.

Considerada uma das principais atrizes do Cinema Novo brasileiro, sua presença sedutora encantou também a crítica internacional, como a conceituada revista francesa *Cahiers du Cinema*. A exposição internacional a levou a trabalhar no cinema europeu. Segundo a própria atriz, chegou a conhecer e namorar o ator francês Alain Delon. Com o sucesso, engatou quase um filme por ano, participando de produções que marcaram a história do cinema brasileiro, como *Noite Vazia* de Walter Hugo Khouri (1964), *O Anjo Nasceu* de Júlio Bressane (1969), *A Casa Assassinada* de Paulo Cesar Saraceni (1971), *A Idade da Terra* de Glauber Rocha (1981) e *Rio Babilônia* de Neville de Almeida (1983).

Por sempre atuar em peças e filmes alvos dos censores da ditadura militar, a atriz alegava ter sido perseguida, o que a obrigou a se exilar na França em 1971.

Nos anos 80, lançou-se como **diretora** de cinema, em *Eternamente Pagu*, sobre a poeta e feminista Patrícia Galvão, figura importante do modernismo brasileiro. Além disso, Norma participou de várias novelas, como "Partido Alto" e "O Sexo dos Anjos", na TV Globo. O último trabalho foi como Deise Coturno no programa humorístico "Toma lá, dá cá", também da TV Globo, em 2009.

Nos últimos anos, a atriz sofria com problemas de saúde e uma lesão na medula acabou a deixando numa cadeira de rodas. Também enfrentou problemas financeiros, logo de ser acusada de irregularidades na prestação de contas do filme *O Guarani* (1996), baseado na obra do escritor José de Alencar.

Norma Bengell foi casada durante 30 anos com o ator italiano Gabrielle Tinti e não deixou filhos.



Cantos com encanto

O maior cajueiro do mundo



Viajar pelo Brasil pode nos apresentar grandes surpresas. Para quem se interessa por conhecer lugares marcantes e especiais, a visita ao cajueiro de **Pirangi**, em Parnamirim (RN), pode ser uma boa pedida. Em 1994, o cajueiro foi considerado pelo Guinness Book como o maior do mundo.

Ponto turístico do litoral sul do Rio Grande do Norte, a árvore possui uma área de **8.500 m²**, correspondente a um agregado de 70 cajueiros de porte normal. Na época de safra, de novembro a janeiro, o cajueiro chega a produzir de 70 a 80 mil caju, o equivalente a 2,5 toneladas.

O fruto não é vendido, mas os turistas que passarem por lá quando a árvore estiver carregada, podem levar alguns caju para casa. O cajueiro possui uma estrutura ao seu redor com lojas de artesanato, mirante com 10 metros de altura para apreciar a copa e guias turísticos falando sobre ele.

A maior árvore frutífera do planeta está a 25 km da capital Natal (RN). Segundo os habitantes mais velhos da região, a árvore tem entre **110 e 120 anos**. Do seu tronco original saíram dezenas de galhos que, por sua vez transformaram-se em outros troncos.

O crescimento da árvore é explicado por duas anomalias genéticas. Em vez de crescer para cima, os galhos da árvore crescem para os lados. Ao tocar o solo, os galhos começam a criar raízes, e daí passam a crescer novamente, como se fossem troncos de uma outra árvore.

Atualmente ele está ameaçado por um fungo que pode prejudicar suas folhas, flores e frutos. A doença pode ter sido causada pela poda realizada no final do ano passado, durante a construção de uma cobertura para abrigar os turistas que visitam o cajueiro (caramanchão).

O Cajueiro de Pirangi foi plantado em **1888**, por um pescador chamado Luiz Inácio de Oliveira. Diz-se que o pescador morreu, aos 93 anos, sob as sombras do cajueiro.

Dados morfológicos de seus órgãos:

- * Raiz – pivotante (crescimento vertical).
- * Caule – tronco lenhoso, com resina, muito tanino.
- * Folhas – simples de forma alongada.
- * Flores – pequenas, lilás.
- * Fruto – a castanha é a parte suculenta comestível, denominada de pseudo-fruto.
- * Semente – Rica em óleo e gorduras. É apreciada pelo seu sabor e fonte energética.



Presentes

Zoombido de Moska



22 de outubro na Sala Zitarrosa, na abertura do 4º Cine Fest Brasil Montevideo

“**N**ão sou cantor, não sou músico, não sou poeta, não sou ator, não sou filósofo, não sou apresentador de TV, não sou radialista, não sou jornalista. Sou um compositor, na medida em que ‘compor’ é juntar coisas”. Assim define-se no seu site, **Paulinho Moska**, quem nasceu e cresceu na Zona Sul do Rio de Janeiro, numa família numerosa que ouvia todo tipo de música, dos clássicos aos bregas, da MPB tradicional ao rock progressivo dos anos 70. Sua adolescência coincide com os anos 80 e com o estouro das bandas de rock no Brasil.

Desde os 13 anos, quando começou a aprender a tocar violão, Paulinho já tentava compor suas próprias canções. Formou-se em teatro pela CAL, atuou no **cinema** (*A Cor do seu Destino, O Mistério no Colégio Brasil, Um Trem Para as Estrelas, Kuarup, O Homem do Ano*), cantou na orquestra de vozes

“Garganta Profunda” (coral performático com repertório eclético regido por Marcos Leite) entre os anos de 84/86, e integrou o grupo “Inimigos do Rei” entre 87/90. Com o sucesso de hits como “Uma Barata Chamada Kafka” e “Adelaide” percorreu com os “Inimigos” todo o Brasil (foram mais de 250 apresentações em 2 anos). Em 91 saiu da banda e começou a se dedicar à carreira solo. Desde lá, lançou **7 discos** autorais e 2 registros de shows ao vivo: no Teatro Rival (1997) e no Teatro da Caixa/Brasília (2007).

Sua carreira discográfica é marcada pela **pluralidade** brasileira. Suas canções passeiam pela MPB, o pop e o rock, flerta com a eletrônica, gingam no samba e se libertam de qualquer gueto ou estilo. Suas letras sempre mergulhadas em poesia são uma marca em suas canções. Doze canções de sua autoria foram trilhas de novelas ou mini-série na TV Globo.

Em 2006 foi convidado para conceber uma série musical e criou o “Zoombido – Para se Fazer Uma Canção”. O programa trata de um encontro com compositores brasileiros para conversar sobre questões que envolvem a criação de canções. Um bate-papo-depoimento que inclui fotografia e duetos musicais com os convidados. Em sua quinta temporada no ar pelo Canal Brasil, o Zoombido já contou com a participação de 130 compositores. Em 2009 estreou sua versão para as rádios.

Seu último projeto se chama “Muito Pouco” (2010), canções, com melodias que grudam nos ouvidos, tocadas e cantadas com uma rara honestidade: “*Muito* é um disco mais cheio, com bateria em todas as faixas, som de banda tocando, as letras são mais ativas... Já *Pouco* é um disco mais vazio, sem bateria (às vezes com alguma percussão), som de casa... mais leve e letras mais introvertidas”. O projeto conta com as participações de Pedro Aznar, Kevin Johansen, Bajofondo Tango Club e Chico César.



Casa *Do* Brasil - Jornal da Casa
Centro de Idiomas e Cultura

29 - outubro 2013